

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO

HERITAGE EDUCATION AS A PRESERVATION STRATEGY

Cleber Cardoso Xavier, Maria da Glória Bomfim Yung, Simone Santos de Oliveira das Mercês, Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa

PRESERVARTEPATRIMÔNIO
BRASÍLIA
ESCOLA PARQUE
PATRIMÔNIO ARTÍSTICO
EDUCAÇÃO BÁSICA

A percepção do que é importante para a história de uma comunidade se consolida a partir da vivência e das relações que são construídas com os objetos, espaços e seres que participam desta comunidade. Possibilitar, a cada membro dessa comunidade, a compreensão do que é valioso para o conjunto é constituir uma compreensão do que é patrimônio para este grupo e assim desenvolver o pertencimento a estes valores e itens. Brasília é uma cidade que vivenciou e vivencia diversas manifestações em seus espaços públicos, talvez por ser a capital nacional. Compreender que sua estrutura está permeada por diversos elementos do patrimônio artístico, arquitetônico, histórico e cultural é uma estratégia para que a preservação ocorra por parte do cidadão comum.

HERITAGE PRESERVATION
BRASÍLIA
ESCOLA PARQUE
ARTISTIC HERITAGE
ELEMENTARY EDUCATION

The perception of what is important to the history of a community is solidified through the experiences and relationships built with the objects, spaces, and beings that are part of this community. Enabling each member of the community to understand what is valuable to the collective is to establish an understanding of what constitutes heritage for this group, thereby fostering a sense of belonging to these values and items. Brasília is a city that has experienced and continues to experience various manifestations in its public spaces, possibly due to being the national capital. Understanding that its structure is permeated by various elements of artistic, architectural, historical, and cultural heritage is a strategy to ensure that preservation is undertaken by the ordinary citizen.

ISSN 1518–5494

ISSN-E 2447–2484

Brasília é alvo de diversas manifestações. Chega-se a ouvir nas conversas informais entre os moradores da cidade: qual manifestação acontecerá hoje na Esplanada dos Ministérios? Pois as mesmas acontecem numa periodicidade até diária, dependendo do cenário e da configuração política brasileira. Quase sempre o resultado de uma manifestação, quanto ao urbanismo, é a quantidade de lixo que fica como resultado, além do pisoteado gramado e o odor de urina que em algumas vezes assola a paisagem. Referimos aqui a manifestações que ocorrem anualmente, como a Parada Gay, a Marcha das Margaridas, o Acampamento Terra Livre, entre outras.

Porém, neste contexto de manifestações que acontecem na região da Esplanada dos Ministérios destacamos duas manifestações que marcaram muito o urbanismo, a arquitetura e o patrimônio artístico da cidade, são os acontecimentos de 20 de junho de 2013 e do dia 8 de janeiro de 2023. Dez anos separam estes dois eventos devastadores para o patrimônio e o acervo da cidade.

DUAS MEMÓRIAS, UMA MESMA QUESTÃO

No dia 20 de junho de 2013, aproximadamente 40 mil pessoas transitaram pela Esplanada dos Ministérios em Brasília e por onde passaram foram causando depredações. Fogueiras provocadas nessa região danificaram a rede elétrica, o lançamento de artefatos de coquetel molotov nas fachadas e interiores dos edifícios públicos gerou pânico, vidraças dos edifícios dos Ministérios foram danificadas a partir de arremessos de objetos, espaços públicos invadidos, mobiliários e paisagismo foram vandalizados.

A marquise do Congresso Nacional foi invadida, muitas pessoas transitaram pela superfície, bem como ocuparam as rampas de acesso ao Ministério das Relações Exteriores sediado no Palácio do Itamaraty, a fachada deste prédio, bem como obras de arte, espelho d'água, paisagismo e algumas obras foram sumariamente afetadas com os atos que finalizaram na madrugada do dia 21 de junho de 2013. É possível encontrar relatos midiáticos textuais ou audiovisuais desse evento que iniciaria uma sequência de mudanças no Brasil.

Parte do vitral da cúpula da Catedral de Brasília foi danificado por objetos arremessados. A multidão ocupou a Esplanada por mais de sete horas e se agrupou próximo ao Congresso Nacional. Radicaram-se violentamente em frente ao Palácio do Itamaraty, detentor de um acervo singular de obras de arte e mobiliário de relevância para a nação e para a cidade de Brasília, como Alfredo Volpi, Athos Bulcão e Bruno Giorgi. De maneira enfurecida alguns membros da multidão quebraram as vidraças do Palácio, danificaram obras de arte localizadas no espelho d'água, dentre outras depredações. Este é o cenário dessas horas. Muitos dos manifestantes não eram habitantes da cidade, mas que para ela se deslocaram visando constituir uma manifestação sobre o valor da tarifa de ônibus nas grandes cidades brasileiras, tomando outras proporções como valores orçamentários destinados à saúde e à educação. Acredita-se que a manifestação tomou proporções não esperadas e acabou gerando mais dano do que se pode prever.

Na tarde de 8 de janeiro de 2023, quase 10 anos após o relato anterior a manifestação foi muito mais ousada e devastadora. A multidão que assolou a região central da capital se dirigiu para a Praça dos Três Poderes e não se limitou a protestar, usar da voz, cartazes ou da sua presença física, mas sim da força e da violência. Não houve barreira para conter a massa que de forma decidida adentrou por onde desejou.



Figura 1: manifestantes ocupam a cobertura do Congresso Nacional. Foto: Fabiano Costa/G1. [https://s2g1.glbimg.com/CedRE11ZNmDAdd9D7rmjc2ArUTE=/0x0:620x465/984x0/smart/filters:strip_icc\(\)/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/06/17/manifestantesnamarquise.jpg](https://s2g1.glbimg.com/CedRE11ZNmDAdd9D7rmjc2ArUTE=/0x0:620x465/984x0/smart/filters:strip_icc()/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/06/17/manifestantesnamarquise.jpg)



Figura 2: Brasília – Polícia tenta afastar os manifestantes que tentam invadir o prédio do Itamaraty. Foto: André Dusek/Estadão Conteúdo. [https://s2g1.glbimg.com/7x00EEnaJHjDLW9Yjz7CoWkGQ8dl=/0x0:1700x1065/984x0/smart/filters:strip_icc\(\)/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/06/20/age20130620647.jpg](https://s2g1.glbimg.com/7x00EEnaJHjDLW9Yjz7CoWkGQ8dl=/0x0:1700x1065/984x0/smart/filters:strip_icc()/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/06/20/age20130620647.jpg)

Grande barulho na região central de Brasília. Fogos de artifício. A multidão caminha pelo Eixo Monumental em sentido ao Congresso Nacional e a Praça dos Três Poderes. Policiais e civis no mesmo espaço de tumulto. O amarelo e o verde, cores da bandeira nacional, estão presentes em grande quantidade na vestimenta da multidão. A grande confusão se estendeu por horas e deixou um rastro de destruição por onde passou. Vidraçarias inteiras foram vandalizadas, servindo em seguida como um portal de trânsito para os manifestantes. Mais uma vez móveis, obras de arte de ícones da história da arte – pinturas, tapeçarias, esculturas, desenhos, objetos – documentos históricos, elementos arquitetônicos, vidraçarias, carpetes e tapetes, presentes

recebidos por representantes do poder público, enfim, uma infinidade variada de itens que foram danificados, depredados, destruídos. Desta vez o Palácio do Itamaraty foi poupado, mas o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal foram completamente devastados.

A mídia deu destaque e notoriedade aos estragos. A repetição dos termos patrimônio artístico, patrimônio cultural, objetos de arte, entre outras, esteve por semanas na comunicação brasileira e até os dias atuais são lembrados. Porém, os termos e seus conceitos nem sempre são compreendidos pela grande massa da população, pois não foram termos ou conteúdos amplamente presentes no sistema educacional.

Ao se questionar alguém, por exemplo, sobre o significado ou compreensão do termo Patrimônio Artístico, o respondente possivelmente irá discorrer a partir da análise das partes do verbete, [patrimônio+artístico], construindo assim um raciocínio acerca do que é possível responder. Não é uma má estratégia, porém não é o atualizar de um conceito já internalizado e construído, mas sim uma argumentação provocada.

Quanto ao nível monetário, a segunda manifestação causou um maior estrago, como também gerou um maior número de prisões. O impacto em relação ao patrimônio artístico e histórico ainda é imensurável, pois objetos únicos foram destruídos e danificados. A comoção nacional foi gerada, mas fica a pergunta: quem promoveu tais atos contra o patrimônio artístico e histórico tinha noção do que eram tais objetos e qual importância eles possuíam para a nação? O que cada um desses itens representa em seu contexto, seja artístico, histórico ou cultural?

Após ambos os atos citados, o cenário pode ser comparado a um pós-guerra. Edifícios modernos que possuíam fachadas frontais e dorsais compostas por vidraças, agora eram vidraças estilhaçadas, quebradas, destruídas. Não é o propósito deste texto analisar ou questionar os motivos de tais manifestações. Entretanto é o objetivo refletir a partir da possibilidade de conscientizar a população acerca da importância e do sentimento de pertencimento ao patrimônio público, artístico e cultural brasileiro, visando a não depredação dos mesmos, até mesmo quando em ação de protesto ou manifestação.

EXPOR PARA NÃO ESQUECER

A exposição realizada pela Câmara dos Deputados no Salão Azul do Edifício Sede do Congresso Nacional possibilitou ao visitante visualizar parte do patrimônio artístico e histórico vandalizado e depredado na manifestação de 8 de janeiro de 2023. São apresentadas peças dispostas em vitrines de vidro, acompanhadas de etiquetas e textos informativos sobre o objeto, bem como as técnicas e ações desenvolvidas para o restauro e tentativas de salvar o que foi possível dos itens danificados.

Ainda estão disponíveis para visita alguns registros fotográficos relativos às ações referentes à data que nomina a exposição – 8 de janeiro. Registros documentais do tumulto e após a retirada dos manifestantes, exibindo ao espectador o cenário degradante e emocionante deixado para trás. Compondo o conjunto expositivo, numa outra ala da exposição, estão expostos também em vitrines, alguns presentes recebidos por personalidades políticas e que não foram vandalizados, os quais fazem parte do acervo do museu da Câmara dos Deputados.

Pode-se interpretar esta iniciativa/ação expositiva da Câmara dos Deputados como uma estratégia de educação patrimonial a partir da informação e da possível

provocação pedagógica a partir do material exposto e também como uma busca por sensibilizar a partir dos fortes registros imagéticos. Entretanto há que se compreender a importância da experiência pedagógica envolvida no processo de construção do conhecimento neste contexto. Somente visitar a exposição e ter acesso às informações ali disponibilizadas, pode não suscitar ou alcançar toda a potência educativa do evento.

Portanto, mediar a exposição ao público interessado e diálogo a partir de provocações relacionadas ao contexto exposto, aos fatos e aos registros, enfim ao patrimônio é possibilitar ao espectador um olhar ampliado e mais aprofundado quanto ao tema. Fazendo uso dos conceitos e informações disponíveis sobre o conteúdo exposto, torna mais efetiva a experiência, pois o visitante é convidado a acessar outras camadas para além do que simplesmente está disponível ao olhar. São camadas de conceitos, informações, conhecimentos que permeiam o olhar.

Mas são muito mais do que informativas, são provocativas e constituintes de um outro conhecimento que é construído a partir do diálogo, da racionalidade e da oportunidade de troca e vivência naquele espaço/tempo e o conjunto de integrantes que ali, simultaneamente interagem. É a presença do efêmero que modifica o tempero da experiência.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Para pensar a educação patrimonial podemos partir da compreensão da palavra de origem latina patrimônio, que deriva de *pater*, significando pai. Maria Beatriz Pinheiro Machado (2004) nos informa que o conceito de patrimônio enquanto relacionado ao conjunto de bens pertencentes ao *pater*, no sentido das coisas ou itens que um pai



Figura 3: registros da exposição 8 de janeiro no Salão Verde da Câmara dos Deputados. Fonte: Cleber Cardoso Xavier, 2024.

deixa à prole, um legado ou herança. Ainda é possível compreender patrimônio como o conjunto de bens de uma escola ou uma empresa. A educação patrimonial é um termo utilizado no Brasil, desde 1983, a partir de técnicos do Museu Imperial localizado em Petrópolis (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999), termo e conceito que passou a ser adotado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A Constituição Federal discorre sobre o tema no artigo 216, sobre a constituição do patrimônio cultural brasileiro, tipificando o que é patrimônio material e patrimônio imaterial (Brasil, 1988).

Mesmo com o interesse em uma ação educativa acerca do patrimônio, o Iphan somente em 2023 abriu o seu primeiro edital de fomento a projetos focados na Educação Patrimonial, mesmo já tendo criado em 2004 a Gerência de Educação Patrimonial e Projetos, que foi a primeira instância da área central do Iphan voltada para a Educação Patrimonial. Visando consolidá-la, foi realizada a I Reunião Técnica, de onde se destaca a Oficina para Capacitação em Educação Patrimonial e Fomento a Projetos Culturais nas Casas do Patrimônio, ocorrida em Pirenópolis/GO, em 2008 (Iphan, 2014). Segundo o Iphan

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural (Iphan, 2024).

Nesse sentido, o Currículo em Movimento do Distrito Federal, adotado a partir do ano de 2014, que na sua segunda versão atualizada em 2018 (Mercês; Xavier, 2021), propõe para o 5º ano do Ensino Fundamental o objetivo de “Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo” (Distrito Federal, p. 283, 2018) e o conteúdo que aborda “os patrimônios materiais e imateriais da humanidade. Política de educação patrimonial” (Distrito Federal, p. 283, 2018). Conforme Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 6),

o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens culturais, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira compreendida como múltipla e plural.

UMA ESCOLA TOMBADA PARA FALAR DE PATRIMÔNIO

A partir deste contexto que discorreremos sobre a necessidade e relevância de vivenciar o processo educativo formal da educação patrimonial, viabilizamos, assim, ao cidadão em formação a oportunidade de significar o seu *habitat*, suas referências locais que tanto faz parte de sua cultura quanto de sua história. O universo singular de uma

Escola Parque por si só já é um convite a conhecer os conceitos e termos envolvidos e constituintes de uma educação patrimonial.

Esta tipologia é uma conquista de Anísio Teixeira e Brasília conta com um sistema educacional pensado e desenhado por ele. O conceito de Centro Elementar de Educação, constituído por cinco instituições, quatro Escolas Classe e uma Escola Parque, foi primeiramente implementado em Salvador, no final da década de 1940 e posteriormente em Brasília a partir de 1960. Há que se ressaltar as experiências do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Campina Grande, relatadas por Xavier (2017), em sua tese investigativa acerca do assunto.

A Escola Parque 308 Sul de Brasília foi tombada via Decreto nº 24.861, de 4/8/2004, publicada no DODF nº 149, de 5/8/2004, p. 6. Esta escola que já inicia suas atividades em Brasília com um diferencial de atendimento a comunidade no contraturno, possibilita uma vivência integralizadora da educação com o cotidiano comunitário, que oferta à comunidade um teatro que se tornou equipamento social importante para os encontros em uma terra tão árida e inóspita (Oliveira; Xavier, 2011). Assim, esta unidade escolar passou a constituir parte da rotina diária de muitas famílias que agora habitavam o planalto central. Como tudo era novo nesta cidade, a nova escola também era algo a ser desbravado, conhecido e assimilado.

Nesse cenário de construção de uma realidade, surge Brasília do descampado para um agrupamento de monumentos, residências e esferas de poder e tomadas de decisão. O patrimônio se constituiu a cada dia, na formação de uma identidade, de uma realidade, de uma história. Após algum tempo da inauguração da nova capital, muito começou a se perder, inclusive os pressupostos da identidade, da história do surgimento da cidade. Guardar era necessário. Reconhecer o que se guardou, mais ainda. Compartilhar é peça chave neste processo, pois a democracia urge o compartilhamento da informação de maneira igualitária e isonômica. Visando compartilhar e democratizar o conhecimento, surge o projeto PreservArtePatrimônio.



Figura 4: aula-passeio à Igrejinha. Fonte: Cleber Cardoso Xavier, 2023.



Figura 5: material educativo para estudantes com cegueira desenvolvido a partir do grafismo de Athos Bulcão. Fonte: Cleber Cardoso Xavier, 2023.

COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS, FORJANDO IDENTIDADES E PERTENCIMENTO

Na Escola Parque 308 Sul de Brasília é desenvolvido desde 2010 o projeto PreservArtePatrimônio de ações de educação patrimonial e preservação artística e histórica. O projeto está estruturado em ações educativas teóricas e práticas, fazendo uso de diversas estratégias como: aulas-passeio, jogos, construção de registros e memórias das vivências por meio de escrita, desenhos, fotografias, dramaturgia, música e performance.

Criado em 2010 pela professora Maria da Glória Bomfim Yung, mais conhecida como Glorinha, após finalizar seu curso de pós-graduação em Conservação patrimonial e artística 2006. Em 2018, com a aposentadoria da professora Glorinha, o projeto passou a ser coordenado e executado pelo professor Cleber Cardoso Xavier. Ao longo dos seus 14 anos de funcionamento e atuação ininterrupta, foram recebidos dois prêmios devido a qualidade das ações desenvolvidas no contexto da unidade escolar, bem como na iniciativa pública da educação patrimonial, ambiental e histórico-artística.

Muitas mudanças e adaptações ocorreram, como é de se esperar sobre a trajetória de um projeto que persiste em existir na esfera pública, sem contar com recurso financeiro destinado às suas ações e estratégias. Desde 2019 o projeto visa ampliar sua área de implementação, sendo ofertada a sua base de implantação e estruturação para outras unidades escolares, visando a compreensão de cada unidade escolar e sua comunidade quanto ao patrimônio relevante em seu contexto geográfico, histórico, artístico e cultural.

Durante o período pandêmico da covid-19 foram desenvolvidas atividades não presenciais com referenciamento aos espaços culturais e monumentos da cidade, bem como espaços de memória, arte e cultura disponíveis no âmbito do Distrito Federal. Foi um tempo triste, mas que provocou aos arte educadores atuantes nessa tipologia escolar a reformulação de suas práticas e a adaptação das mesmas às condições possíveis de trabalho (Xavier; Mercês; Gatti, 2022).

Também tem sido desenvolvidas, no campo de pesquisa e estruturação didático-pedagógica, estratégias e ações de educação patrimonial para estudantes com cegueira, partindo do contexto original do projeto que é o universo da Escola Parque 308 Sul, componente da Unidade de Vizinhança mais completa do Plano Piloto de Brasília. Essas ações partem das visualidades de Athos Bulcão presentes na região, como o revestimento externo da Igreja de Nossa Senhora de Fátima e o revestimento externo do Jardim de Infância da SQS 308, além de outras. Este material foi comunicado em congresso nacional de acessibilidade e está sendo trabalhado em grupo de pesquisa para geração de conhecimento acadêmico a ser compartilhado assim que possível.

Esses grafismos de Bulcão foram a base para desenvolver a estratégia de jogo lúdico, tridimensional, que possibilita ao estudante com cegueira o conhecimento e a compreensão do grafismo do artista, bem como sua configuração mural e as regras compositivas propostas pelo artista na aplicação dos seus azulejos, permitindo o exercício do conceito de coautoria quanto aos pedreiros responsáveis pela confecção in loco dos elementos visuais na arquitetura brasiliense. Parte dessas ações foram comunicadas pelo Canal Arte1 (Arte1, 2023).

Ocorreu também o reconhecimento do papel fundamental desse projeto junto ao cenário brasiliense, quando do lançamento do I Edital de Educação Patrimonial do Iphan, quando parte das ações desenvolvidas em sala de aula foram transmitidas e comunicadas via audiovisual nas redes televisivas e jornalísticas (Iphan, 2023).

Um dos últimos momentos de reconhecimento foi a oportunidade de apresentar aos membros da comitiva do G20, o grupo dos 20 países mais desenvolvidos do mundo, a estrutura e proposta da tipologia Escola Parque, bem como seus projetos educacionais, onde está inserido o PreservArtePatrimônio.

A ESTRUTURA E O QUE SE FAZ

O projeto PreservArtePatrimônio está organizado em ações e estratégias pedagógicas educativas onde a presença do estudante é fundamental para o desenvolvimento. As aulas-passeio estão divididas atualmente em 15 rotas: rota da Igreja; rota do espelho d'água; rota da praça dos cogumelos; rota do Jardim de Infância; rota do paisagismo; rota da Escola Classe; rota de sinalização e quadradinhos; rota do portal mágico; rota da Biblioteca; rota do Clube de Vizinhança; rota da Escola Parque; rota da comercial; rota do Cine Brasília; rota da travessia do eixão e rota do Espaço Cultural Renato Russo.

Ainda temos as estratégias que estão estruturadas em 12 propostas: desenho de observação na Igreja; sobe e desce nas árvores da praça dos cogumelos; uma nova história no espelho d'água; apreciação e comentário nas galerias do Espaço Cultural Renato Russo; levantamento patrimonial no perímetro da Escola Parque; documentando a fauna e a flora nas cercanias da Escola Parque; jardim de esculturas e possibilidades no perímetro da unidade escolar; conhecendo nomes e datas marcantes na biblioteca da escola ou na sala de aula; jogos culturais desenvolvidos pelo projeto; comunicando as atividades por meio de murais expositivos; eu artista e eu plateia; onde está meu mundo no mapa de Brasília?. Estas são as estratégias disponíveis até o momento.

Extraordinariamente, mas ainda parte do Projeto, ocorrem visitas a centros culturais como Centro Cultural Banco do Brasil, Caixa Cultural, Centro Cultural do Tribunal de Contas da União, Museu dos Correios, Centro Cultural do Banco Central, Parque Nacional de Brasília, Fundação Athos Bulcão, Museu do Congresso Nacional, Catedral de Brasília, Espaço Cultural Oscar Niemeyer, Espaço Cultural Lúcio Costa, Museu de Arte de Brasília, Panteão, Museu Vivo da Memória Candanga, Praça dos Três Poderes, Memorial dos Povos Indígenas, Museu Nacional, Biblioteca Nacional, dentre outros. Entretanto nesses últimos locais, o deslocamento é oneroso e nem sempre é possível o traslado. Preferivelmente, as atividades são desenvolvidas sem custo monetário.

Isto posto, detalhamos uma das rotas visando ofertar ao leitor uma narrativa que possa esclarecer um pouco o projeto desenvolvido nessa realidade do projeto. Partindo do pressuposto freireano de que

o educador deve ser um inventor e um reinventor constante dos meios e dos caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educandos. Sua tarefa não é a de servir-se desses meios e desses caminhos para desnudar, ele mesmo, o objeto e, depois, entregá-lo, paternalisticamente, aos educandos, a quem negasse o esforço da busca, indispensável, ao ato de conhecer (Freire, 1978, p.17).

Ao propor uma aula-passeio o arte educador não visa ofertar gratuitamente os elementos que serão vivenciados ao longo do percurso, mas antes busca despertar no estudante o interesse pela pesquisa, pela investigação e pela sagacidade em perceber, destrinchar e aprender consigo próprio e por meio de suas habilidades e competências já desenvolvidas.

Ao levar os estudantes para um percurso, os mesmos são convidados a fazer uso ativamente de seus sentidos. Alguns dos sentidos são mais utilizados do que outros, buscando a concentração e a atenção no que será vivenciado. Com a ponta dos dedos indicadores pressionando as têmporas o educador pronuncia “visão ativada!”, assim inicia a ludicidade para o novo percurso. Os estudantes caminham de maneira orgânica pelas calçadas urbanisticamente tortuosas da Superquadra Sul 308, alcançando a edificação nominada de Igrejinha. Lá, dispostos de maneira semicircular são convidados a ler a paisagem do revestimento externo da edificação.

O que vocês percebem aqui? Inquiri o educador. Esta questão é repetida algumas vezes, buscando ativar o olhar, a percepção, a possibilidade de comunicação de cada um dos estudantes ali presentes. Não há resposta errada ou resposta certa, há percepção individual, complementa o educador. Esta fala visa incentivar o grupo a se comunicar efetivamente. Aos poucos iniciam as participações. Uma ave. Um avião. Um azulejo. E assim começam a dialogar sobre a realidade ali presente.

Ler a paisagem para além da leitura textual é uma das propostas desta rota, onde estão presentes grafismos de Athos Bulcão e Francisco Galeno. Arquitetura de Oscar Niemeyer e paisagismo de Burle Marx, além de urbanismo de Lúcio Costa. Já são pelo menos cinco nomes referenciais para a história da cidade, para a compreensão do que é Brasília no contexto nacional, bem como dos nomes que irão surgir na conversa a partir da visita à Igrejinha, Dona Sarah Kubitschek e Juscelino Kubitschek, Ernesto Silva, dentre outros.

Paulo Freire (1989) discorre sobre o poder mágico da palavra escrita, de como ela por si só é uma possibilidade de encantar e permanecer no imaginário ao nos informar que "a insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada" (Freire, 1989, p.12). Assim, compreender



Figura 6: aula-passeio ao Parque Nacional de Brasília com educadores da Escola Parque 308 Sul durante uma coordenação pedagógica. Fonte: Cleber Cardoso Xavier, 2023.



Figura 7: aula-passeio ao Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul para visitar uma exposição na Galeria Rubem Valentim. Fonte: Cleber Cardoso Xavier, 2023.

o grafismo proposto pelos artistas Bulcão e Galeno, as formas espaciais de Niemeyer nesta caminhada, são oportunidades de construção de entendimentos, bem como de reflexões para além do que está escrito, mas sim a partir do vivenciado.

Num segundo momento, os estudantes estarão em sala de aula com acesso a materiais impressos ou audiovisuais que possibilitaram dinâmicas interpessoais para compreensão de novos dados e informações acerca do que foi experimentado, observado e conversado durante a aula-passeio. A repetição do percurso é possível e incentivada, pois o tempo escolar segregado em aulas é reduzido, incentivando assim o retorno ao ponto trabalhado para um novo olhar, uma nova perspectiva do que foi vivenciado.

PENSAMENTOS PARA UM NOVO PERCURSO EDUCATIVO

O estudante que vivencia a oportunidade de acesso a momentos de educação patrimonial tem a chance de conhecer melhor seu habitat, sua comunidade, suas referências. Uma parede deixa de ser só uma construção em alvenaria ao se conhecer o motivo ali estampado.

Ao se conhecer a história por trás de algum objeto, grafismo, ou até mesmo a coloração de uma placa o sentimento despertado a partir do conhecimento é, possivelmente, o sentimento de pertencimento. É o sentimento de que aquilo que faz parte de sua existência, do seu cotidiano, seja ele o objeto de arte, uma edificação, uma escultura, um conjunto de árvores ou até mesmo um espelho d'água ou um João de Barro. O pertencimento é isso, é a coisa pertencer a você e você pertencer a coisa. A relação e o vínculo estão estabelecidos.

Acredita-se que a educação é uma ferramenta contra a depredação do patrimônio público, uma vez que ao se tornar pertencente, o ato de destruir ou depredar fica mais complexo. Há mais sentimento, conhecimento e relação envolvida no ato a ser praticado. O ignorar a origem ou não ter relação com o objeto é um fator que possivelmente facilita a depredação.

A partir deste raciocínio, acredita-se que o percurso dos manifestantes que depredaram a região central de Brasília, caso tivessem tido acesso a uma formação patrimonial, a um sentimento de pertencimento relacional com a cidade e seus monumentos, suas edificações monumentais e artísticas, suas curvas tão cheias de significados para os conhecedores, talvez, e isso é uma suposição que ainda não podemos comprovar, não tivessem causado tal estrago à nação.

Acredita-se que uma pessoa que conheceu de perto o grafismo de Athos Bulcão, que interpretou suas cores e formas não teria depredado o painel Ventania no Salão Verde do Congresso Nacional. Alguém que compreende o grafismo das curvas de Marianne Peretti não teria atirado uma pedra no majestoso vitral da cúpula da Catedral. Alguém que compreende a riqueza de detalhes do paisagismo proposto por Burle Marx não teria invadido e pisoteado as espécies de plantas do Palácio do Itamaraty ou danificado obras de arte como as de Alfredo Ceschiatti e Bruno Giorgi.

Espera-se que ações de educação patrimonial sejam fomentadas, ofertadas, difundidas para que não só as crianças possam ter uma visão de pertencimento à sua cidade, mas também os adultos, os educadores, os tomadores de decisões, os norteadores do futuro de nossas vidas possam compreender a importância da relação do ser com seu ambiente para que depredações públicas sejam evitadas e dirimidas.

REFERÊNCIAS

- ARTE1. ArtMakers: processos criativos. São Paulo: Arte1, 2023. Disponível em: <https://vimeo.com/cinerj/review/877608449/3c7b03f550>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Editora do Senado, 1988.
- DISTRITO FEDERAL. Currículo em Movimento do Distrito Federal: Ensino Fundamental Anos Iniciais - Anos Finais. Brasília: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, 2018.
- DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 24.861, de 04 de agosto de 2004. Dispõe sobre o tombamento da Escola Parque 307/308 Sul e sua área de tutela e dá outras providências. 2004. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/45319/Decreto_24861_04_08_2004.html. Acesso em: 30 dez. 2023.
- FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Editora Cortez, 1989.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia de educação patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.
- IPHAN. Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf. Acesso em: 5 fev. 2024.
- IPHAN. Educação Patrimonial. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em: 5 fev. 2024.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Postagem sobre edital de educação patrimonial. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cvw9Xnnt1gO/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng%3D%3D>. Acesso em: 18 mar. 2024.
- MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. Educação patrimonial: orientação para professores do ensino fundamental e médio. Caxias do Sul: Maneco, 2004.
- MERCÊS, Simone Santos de Oliveira das; XAVIER, Cleber Cardoso. Currículo de Arte no sistema educacional brasileiro. In: Encontros e entrelaçamentos: grupos de pesquisa em arte. Brasília: Universidade de Brasília, 2021. p. 133-141.
- OLIVEIRA, Simone Santos de; XAVIER, Cleber Cardoso. Brasília X5: 50 anos de artes visuais em Brasília. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2011.
- TEIXEIRA, Anísio. Educação para a democracia. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1997.
- XAVIER, Cleber Cardoso. Escola Parque: apontamentos sobre Anísio Teixeira e o ensino da Arte no Brasil. Tese de doutorado. Orientadora Thérèse Hofmann. Universidade de Brasília: Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/32017>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- XAVIER, Cleber Cardoso; MERCÊS, Simone Santos de Oliveira das; GATTI, Thérèse Hofmann. O ensino de Artes Visuais em Brasília, a capital brasileira, no contexto da COVID19 nas Escolas Parque. In: Grietas y provocaciones: congreso regional INSEA. Cusco: Peru, 2022. Disponível em: <https://www.insea.org/wp-content/uploads/2023/04/EBOOK-CUSCO-2021.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CLEBER CARDOSO XAVIER

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil. Doutor (2017) e mestre (2013) em Artes pela Universidade de Brasília, licenciada em Dança (IFB, 2013), Pedagogia (IESB, 2023), Matemática (UCB, 2014) e Informática (UCB, 2011). Professor de Artes Visuais da secretaria de estado de educação do Distrito Federal. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Metodologias, Educação e Materiais em Artes Visuais (MEMAV/UnB/CNPq) e membro do Grupo de Pesquisa GPeMC/IPM/CNPq.
ccxavier@hotmail.com.

MARIA DA GLÓRIA BOMFIM YUNG

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Colaboradora no Departamento de Articulação Fomento e Educação. Especialista em Gestão do Patrimônio Cultural (Universidade Estadual de Goiás, 2006), licenciada em Artes Plásticas (Faculdade Dulcina de Moraes, 1994), professora aposentada (Artes Visuais) da secretaria de estado de educação do Distrito Federal.
godoiayung@gmail.com.

SIMONE SANTOS DE OLIVEIRA DAS MERCÊS

Universidade de Brasília/UnB, secretaria de estado de educação do Distrito Federal, Brasília/DF, Brasil. Doutoranda em Artes Visuais (UnB), Pedagogia (Iesb, 2022), mestre em Arte (UnB, 2014), bacharel e licenciada em Artes Plásticas (2006, 2008, UnB). Professora de Artes da secretaria de estado de educação do Distrito Federal. Membro dos Grupos de Pesquisa Arte, Educação e Mediação Cultural; e Metodologias, Educação e Materiais em Artes Visuais.
sisantos.oliveira@gmail.com.

THÉRÈSE HOFMANN GATTI RODRIGUES DA COSTA

Professora do Departamento de Artes Visuais/IdA da Universidade de Brasília. Líder dos Grupos de Pesquisa Metodologias, Educação e Materiais em Artes Visuais (MEMAV/UnB/CNPq) e Grupo de Pesquisa em Educação, formação profissional e gestão pública no Brasil (UnB/CNPq)
therese@unb.br